

“Quando o boxe era caso de polícia”: Espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922)

Jônatas Marques Caratti¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o surgimento do boxe em Porto Alegre no contexto da modernização e urbanização da cidade. Neste período surgem teatros, cinemas e circos que permitem o entretenimento da população. Localizamos várias fitas cinematográficas que tratavam do pugilismo e que circularam pelos cinemas de Porto Alegre entre os anos de 1910 e 1920. Os circos, com suas *troupes* de anões e palhaços, também divulgavam o boxe através deste divertimento. Porém, foi a partir dos desafios entre lutadores (1912) e da primeira escola de boxe e luta-romana (1914) que o boxe passou a se organizar e buscar um espaço entre os esportes praticados na cidade. No entanto, a polícia política de Borges Medeiros, conservadora e moralista, perseguia e reprimia o boxe, utilizando principalmente os meios de comunicação para isso. As fontes pesquisadas para este artigo foram o Jornal A Federação e a Revista do Globo.

Palavras-chave: Modernidade – Esportivização - Boxe – Violência – Repressão

Abstract: This essay aims to analyze the introduction of boxing in Porto Alegre in the context of this city's modernization and urbanization. In this period, theaters, cinemas, and circuses appeared in the city for the population's entertainment. We located several cinematic tapes with content about boxing that circulated among Porto Alegre's cinemas between 1910 and 1920. Circuses, on the other hand, with troupes of dwarves and clowns, also promoted boxing in their own way. However, it was only through challenges between fighters (1912) and the appearance of the first boxing and greco-roman wrestling school (1914) that boxing became organized and its practitioners began seeking space for it among the sports practiced in the city. Yet Borges de Medeiros's political police, which defended conservative morals, persecuted and repressed boxing, using communication vehicles to do so. The sources researched for this article were the newspaper *A Federação* and the magazine *Revista do Globo*.

Keywords: Modernity, Sports, Boxing, Violence, Repression.

¹Professor Assistente do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão/RS. Doutorando do Programa de Pós – Graduação em História da UFRGS. E-mail: jonatascaratti.com.br / Site profissional: www.jonatascaratti.com.br

1. Introdução

O título que dá nome a este artigo é parte de um excerto de reportagem da Revista do Globo do ano 1955. Neste ano o boxe gaúcho passava por uma grave crise, devido a conflitos internos dentro da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, criada em 1944. Isso influenciava, de certa forma, no treinamento dos lutadores, que não encontravam condições mínimas para representarem seu estado nos campeonatos nacionais. Este desabafo do cronista fez-lhe rememorar algo que para nós foi uma informação preciosa:

O treino parecia clandestino [o de 1955], fato que nos trouxe a lembrança aqueles dias em que lutar era candidatar-se a uns dias na cadeia, quando o box era caso de polícia. Quando as lutas eram disputadas em terrenos baldios e em cantos de quintal, para evitar que a polícia surpreendesse em flagrante delito de box a lutadores e assistentes. (REVISTA DO GLOBO, nº 631, fevereiro de 1955).

O cronista que não sabemos o nome – mas suspeitamos ser Amaro Júnior – nos informa a respeito de como era a realidade do boxe em Porto Alegre no início do século XX. O que fica evidente é que o pugilismo sofria repressão. Mas isso não era novidade. Esta perseguição já ocorria quando o boxe tornou-se moderno, na Inglaterra do século XVIII. As lutas sem luvas, os rounds sem tempo determinado, as apostas em dinheiro, eram um ambiente favorável para violência e mortes dos lutadores e, conseqüentemente, para a hostilidade da polícia.

Em nossa pesquisa de doutorado temos nos preocupado em entender o surgimento do boxe em Porto Alegre/RS.² Porém, não queremos escrever uma história factual e linear, que apenas atente para os acontecimentos mais marcantes deste esporte. Ancorados numa nova história, que analisa, investiga e problematiza aquilo que é aceito como “verdade” – o que para nós são verdades temporárias -, buscamos investigar o que ainda está encoberto e colocar à prova aquilo que já foi escrito.

Dois temas nos chamam a atenção e cremos que podem ser chaves explicativas para entender o boxe em sua gênese em Porto Alegre: a modernização e urbanização que ampliam os meios de comunicação e que permitem o boxe ser divulgado nos cinemas e teatros da cidade; e a repressão da polícia política de Borges de Medeiros, positivista e moralista, que perseguia qualquer traço de desvio que colocasse em risco a estabilidade e segurança da sociedade

² Para entender melhor as transformações de nossa pesquisa de doutorado, sugerimos ler os seguintes artigos: CARATTI, Jônatas Marques. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). In: Revista Latino-Americana de História, v.1, p.508-524, 2012. CARATTI, Jônatas Marques. A participação de pugilistas negros no boxe gaúcho (Porto Alegre, primeira metade do século XIX). In: XI Encontro Estadual de História: história, memória e patrimônio. ANPUH/FURG, Anais eletrônicos, p. 515-524, 2012.

burguesa. Os espetáculos de boxe e sua marginalização nos “terrenos baldios e cantos de quintais” da cidade serão o objetivo deste artigo. Antes, no entanto, traremos alguns autores que se dedicaram ou/e tem se dedicado ao estudo do boxe e que fazem parte de nossa base bibliográfica.

2. O estado da arte ou a revisão bibliográfica

O que sabemos sobre a história do boxe brasileiro? Parece uma pergunta simplória, mas na verdade é uma interrogação necessária para quem quer se debruçar sobre este tema. Diferente de outros esportes, como o futebol, a ginástica e o remo, o boxe não possui uma tradição bibliográfica em nosso país. Está em uma fase inicial, incipiente, em que pouco se sabe e há mais perguntas do que respostas. Os norte-americanos e ingleses já pesquisam o pugilismo há muito tempo, pelo menos desde a década de 1980.³ Assim, muitas questões já foram respondidas e o seu conhecimento sobre o boxe é bem mais amplo.

Desde que decidimos pesquisar a história do boxe temos buscado estar a par da bibliografia existente sobre o tema. Participamos de uma disciplina, História do Esporte, ministrada pela Profa. Dra. Janice Mazo (ESEF/UFRGS), compramos livros em livrarias e sítios virtuais, além de buscarmos referências entre entusiastas do boxe (lutadores, treinadores, jornalistas, etc). Esta busca resultou numa lista de mais ou menos vinte obras, entre livros, monografias e artigos.

A ideia aqui não é contar a história do boxe mundial e brasileiro, nem reproduzir as frases dos autores de forma a concordar com eles. Cremos que pouco se avançou nos conhecimentos sobre a história do boxe no Brasil, porque se passou muito mais tempo repetindo as mesmas coisas ao invés de investigar novas possibilidades. Nosso objetivo, neste momento, é apresentar categorias de informações e analisar como cada autor buscou seus dados e apresentou em forma de texto.

Quase todos os autores que trataram da história do boxe remeteram a sua trajetória às primeiras civilizações da antiguidade. A. Latorre Faria afirma que o pugilismo surgiu na Grécia Antiga (LATORRE FARIA, 1960, p. 14). Juvenal Queiroz assegura que “**o boxe espetáculo era praticado há 3.000 a.C**” (QUEIROZ, 1989, p. 10). Já Feitosa, Leite & Lima localizam sua

³ A título de exemplo: ROBERTS, Randy. Papa Jack: Jack Johnson and the Era of White Hopes. New Yor: Free Press, 1983.

gênese na Suméria e Egito, entre 5.000 a.C e 4.000 a.C (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889). Silvia Vieira e Armando Freitas já nos fornecem novas datas: 4.000 a.C e 3.000 a.C (VIERA & FREITAS, 2007, p. 10). José Elias Flores Jr apresenta a Etiópia como o berço do pugilismo e explica que posteriormente foi conquistada pelo Império Egípcio. Para este autor o surgimento da luta em questão teria sido em 4.000 a.C (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 21).

Apresento estas informações iniciais para mostrar que não há consenso entre os autores sobre dois dados essenciais: local e data. Muitas destas obras citadas acima não apresentam citações e referências bibliográficas específicas. O desencontro de informações desencoraja qualquer um que se proponha a uma revisão bibliográfica simples. Não é nossa preocupação saber da gênese do pugilismo em si, mas o que queremos evidenciar é a discrepância de dados, resultado de pouco conhecimento sobre o boxe e, principalmente, a desconsideração, por alguns autores brasileiros, de uma literatura estrangeira mais atualizada.

Outra questão interessante é sobre os instrumentos utilizados por estes lutadores arcaicos. Latorre Faria, sustenta o uso de tira de couro nas mãos dos desafiantes e, posteriormente, uso de placas de cobre e ferro (LATORRE FARIA, 1960, p. 14). Essa informação também é encontrada no livro organizado pela Confederação brasileira de Pugilismo: “naquela época os lutadores lutavam nus e usavam tiras de couro como luvas primitivas” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO, 1987, p.1). O mesmo assegura Juvenal Queiroz (1989). No entanto, Feitosa, Leite & Lima destacam algo significativo: as tiras de couro eram usadas na Grécia, mas as luvas de metal (chumbo) eram utilizadas apenas em Roma. Além disso, afirmam que na Antiguidade havia vários povos que tinham praticavam o pugilismo, não somente gregos e romanos, como a maioria quer afirmar (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889).

Para o período do medievo não percebemos estes desencontros porque pouco se sabe sobre a história do boxe desta época. A . Latorre Faria afirma que “o Imperador Theodósio, ao se converter ao cristianismo, proíbe por edito real, as atividades desportivas e encerra o capítulo greco-romano do pugilato” (LATORRE FARIA, 1960, p. 15). Igualmente, José Elias Flores Jr, assegura que “com o avanço do cristianismo, o boxe praticamente desapareceu da Europa” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 21). Para Vieira & Freitas, “o boxe foi uma das primeiras modalidades que foram proibidas quando os gregos passaram a ser governados por cristãos ortodoxos, já que as olimpíadas eram vistas como um culto pagão” (VIERA & FREITAS, 2007, p. 10). Feitosa, Leite & Lima sustentam também que no medievo “o pugilismo viveu um

período obscuro. Na Idade Média, muito pouco se conhece” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889).

Juvenal Queiroz foi o autor que mais nos brindou com detalhes de sua visão sobre o desaparecimento do boxe na idade média:

Com o advento do Cristianismo e os prejuízos causados nos seus praticantes, mesmo a punho nu, fizeram que o boxe fosse proibido. Assim, durante séculos ele viveu marginalizado pela lei, não impedindo de quando em quando, houvesse combates dramáticos entre homens gigantescos. Estes fatos, todavia, perdem-se na noite dos tempos, ou por não terem sido fielmente registrados, ou por estarem eivados da fantasia dos noticiaristas. (QUEIROZ, 1989, p. 11)

Mesmo não sabendo muitos dados sobre o pugilismo no medievo, Juvenal Queiroz pelo menos nos abre a porta para a pergunta, para a possibilidade, indicando que as lutas existiram, mas possivelmente os fragmentos históricos perderam-se no tempo. Afinal, uma lei de proibição não garantia o total desaparecimento da prática, já que sabemos que o boxe sempre enfrentou a ilegalidade, a repressão e a marginalidade.

No período moderno e contemporâneo destaca-se o ressurgimento de uma espécie de pugilismo (mais a frente iremos abordar nossa visão sobre o boxe moderno), a consolidação de sua prática, a partir de regras que visavam diminuir a violência dos embates, e sua expansão para outros países do mundo. Os autores sempre deram maior atenção a este período (comparando com a antiguidade e o medievo), alguns trazendo mais detalhes, outro sendo mais objetivos.

Latorre de Faria aponta o nascimento do boxe moderno na Inglaterra do século XVIII. Indica o campeão inglês, James Figg, como o pugilista que incentivou e ensinou a nobre arte. Latorre Faria lembra que Figg não foi o pai do boxe, pois ele não dedicava somente a este esporte, mas também a esgrima e ao bastão. Seu discípulo, Jack Broughton, também campeão inglês de pugilismo, teria criado as primeiras regras do boxe e se dedicado inteiramente a luta (LATORRE FARIA, 1960, p. 15). Feitosa, Leite & Lima também corrigem a informação de que James Figg teria sido o pai do boxe, indicando, igualmente, que Jack Broughton teria sido o primeiro pugilista moderno (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889).

Já José Elias Flores Jr nos brinda com novas informações, que possivelmente obteve com livros e textos em inglês que teve contato. Por exemplo, Flores Jr. já cita que a primeira luta que se tem notícia ocorreu em 1681, em Londres, no século XVII. No final destes séculos as lutas de boxe (sem luvas ainda) eram comuns no famoso Royal Theatre. Descreve também a importância de James Figg e Jack Broughton, pontuando as primeiras regras em 1743, as

conhecidas Broughton Code (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 22). Assim como Juvenal Queiroz (1989) e Feitosa, Leite & Lima (2006), demarca a relevância das Regras do Marquês de Queensberry, de 1867, que transformou o boxe, em parte, como ele é hoje em dia (uso de luvas, rounds de 3 minutos, etc).

Feitosa, Leite & Lima, ainda, nos apresentam um histórico interessante sobre o ambiente de ressurgimento do boxe na Inglaterra do século XVIII. Mostram que o crescimento urbano e comercial de Londres influenciou o nascimento de feiras que ambientavam as primeiras lutas, na época a prêmio, as prize-fighter. Ferreiros, açougueiros e barqueiros (devido sua força) foram os primeiros tipos de lutadores que se apresentavam nas feiras inglesas (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889). Cremos que Feitosa, Leite & Lima, assim como José Elias Flores Jr., obtiveram estas informações a partir da literatura norte-americana e inglesa, já que os outros autores brasileiros não citam muitos detalhes da fase inicial do boxe moderno.

Em geral, os autores lidos para esta revisão bibliográfica, apresentam uma visão de consenso, mostrando que a história do boxe moderno nasceu na Inglaterra, entre os séculos XVII e XVIII, de forma precária, sem regras ou treinamento adequado e que somente com a Arena Figg, a academia de James Figg, em 1719, o pugilismo saiu das ruas e iniciou sua fase de esportivização, consolidada pelas regras de Broughton (1743), as Regras de Londres (1838), ou conhecidas como London Prize Ring, e as Regras do Marquês de Queensberry (1867). Concordam também que sua expansão ocorreu na metade do século XIX, principalmente para os Estados Unidos, e fins deste mesmo século, para o Brasil.

Vamos falar agora um pouco sobre o que sabemos a respeito da história do boxe no Brasil. Henrique Matteucci, em seu livro *Boxe: Mitos e História*, não fala da história do boxe remetendo a sua gênese na antiguidade. No início de seu livro relata a primeira luta conhecida de boxe no Brasil, em 16 de março de 1913, entre um remador brasileiro, Luiz Sucupira, e um ex-boxeador francês, peso pena. A luta terminou com a derrota do esportista brasileiro, que nas palavras de Matteucci “usou mais a força do que a técnica”. Na verdade, técnica não existia, pois o boxe era ainda uma novidade e não havia se consolidado tecnicamente. (MATTEUCCI, 1988, p. 11)

Matteucci apresenta outras informações sobre o boxe brasileiro, como a influência do marinheiro Goés Neto, que em 1919, vindo da Europa, fazia demonstrações de boxe no Rio de

Janeiro. Ainda segundo o autor, o boxe organizado só teria começado no início da década de 1920, com o surgimento das primeiras comissões. (MATTEUCCI, 1988, p. 13)

Feitosa, Leite & Lima, apesar de não mostrarem fontes que sustentem sua afirmação, apontam que o surgimento do boxe brasileiro ocorreu no final do século XIX. Indicam que as primeiras exposições de boxe ocorreram no porto de Santos e Rio de Janeiro. Mas concorda com Matteucci (1988) no que se refere as comissões de boxe na década de 1920 que teriam trazido as primeiras regras e buscado fortalecer a nobre arte como um esporte. Tivemos acesso também a um livro de Henrique Nicolini, escrito antes de Feitosa, Leite & Lima (2006), que também coloca a gênese do boxe brasileiro no final do século XIX. Igualmente, sustenta que o ambiente portuário foi o palco das primeiras lutas brasileiras. Cita o movimento do Clube Espéria (de São Paulo) na organização o departamento de pugilismo em 1914 e 1915, mas que não obteve sucesso (NICOLINI, 2001, p. 171).

Latorre Faria, por exemplo, não chega a escrever uma linha sobre a história do boxe brasileiro. Seu livro foi editado pela segunda vez na década de 1980, mas novamente sem dados sobre a trajetória da nobre-arte em nosso território. O próprio livro da Confederação Brasileira de Pugilismo, nada cita sobre o boxe brasileiro. Silvia Vieira e Armando Freitas, fazem as mesmas afirmações de Henrique Matteucci, sem muitas novidades. O livro de José Elias Flores Júnior tem por objetivo a trajetória do lutador Muhammad Ali, por isso não se ateu a escrever sobre o nosso pugilismo.

O livro de Juvenal Queiroz é um misto de histórias e memórias. A segunda parte de sua obra explana sua experiência como boxeador amador do Clube Espéria (São Paulo) em 1937. As informações são ricas e dignas de serem analisadas como um material etnográfico (QUEIROZ, 1989, p. 116). No entanto, como a obra de Latorre Faria e o livro da Confederação Brasileira de Pugilismo, deixam de apresentar a história do boxe brasileiro. Isso nos faz pensar como deve ter sido difícil - não somente para nós, o que é um alívio - encontrar dados sobre nossa história do boxe. Por isso, alguns autores devem ter desistido de preencher esta lacuna, esperando que algum historiador apresentasse novas informações.

Como mencionamos no início desta revisão bibliográfica, grande parte dos escritores buscaram a gênese do boxe moderno na antiguidade clássica. É o que fazem Latorre Faria (1960), Juvenal Queiroz (1988), Confederação Brasileira de Pugilismo (1987), Henrique Nicolini (2001), Flores Júnior (2001), Feitosa, Leite & Lima (2006) e Vieira & Freitas (2007). No entanto, não defendemos esta posição. Não cremos que o pugilato e o pancrácio antigo são ascendentes do boxe moderno. No entanto, esta ideia não é nossa. Surgiu pela primeira vez no

livro “Deporte y Ocio em El Proceso de La Civilizacion”, de Norbert Elias e Eric Dunning. Segundo os autores, o pugilato e o pancrácio possuíam caráter militar, ritualístico e religioso (ELIAS & DUNNING, 1986, p. 33)

Elias & Dunning comentam que o “boxe talvez não seja o termo apropriado para a prática corporal praticada na Grécia Antiga, pois tanto o modo de lutar quanto a finalidade e a estética distintiva desta classe de luta era diferente das do boxe moderno” (ELIAS & DUNNING, 1986, p. 169). Assim, cremos que não houve ressurgimento do boxe no período moderno como alguns autores defendem. A modernidade, o crescimento e transformação das urbes, e o processo de esportivização, tornam o boxe fruto de um novo tempo, com regras específicas, moldadas por uma sociedade burguesa. Por isso, segundo Elias & Dunning, o boxe teria surgido, assim como outros esportes, num contexto de processo civilizatório.

Para finalizar nossa breve revisão bibliográfica vamos tratar de três trabalhos que focam a história do boxe no Rio Grande do Sul: um livro, uma monografia e um artigo. O livro do jornalista Marcello Campos, “Johnson, o boxeur-cantor”, trata de resgatar a trajetória de Orlando Johnson, amante da música e dos ringues, nascido em 1910, em Porto Alegre, no bairro Bom Fim (CAMPOS, 2013, p. 14). Campos centra-se em contar a vida dupla de Johnson entre os salões de baile e os estádios de boxe do centro da cidade. O ponto alto do trabalho é justamente mapear os locais que se davam as lutas e o cartel conhecido de Johnson.

Marcello Campos já aponta algo importante: as primeiras lutas de boxe ocorridas em Porto Alegre se davam em parques, circos e zoológicos, evidenciando a precariedade de sua formação (CAMPOS, 2013, p. 31). Além disso, indica os pontos em que ocorriam as noitadas pugilísticas: Estádio América, Palermo Rink Club, Alhambra Rink Club, Stadium Paysandu, entre outros. Johnson, pelo que tudo indica, não teve uma trajetória bem sucedida no boxe (seu cartel possuía 10 lutas, com duas vitórias, três derrotas, um empate técnico, e quatro resultados desconhecidos), mas sua história nos brinda com informações relevantes que nos ajudam a entender um pouco mais a vida de um boxeador em Porto Alegre (CAMPOS, 2013, p. 46)

O segundo trabalho, trata-se de uma monografia de conclusão do curso de Educação Física (UFRGS), de Tirzah Berni de Souza, intitulado “A organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul. Souza, igualmente no caso de Campos, nos informa locais e lutadores que se enfrentavam nos ringues de Porto Alegre e Pelotas (SOUZA, 2012, p. 16). Apresenta fontes da imprensa (jornais), que enriquecem nosso olhar sobre o boxe. Concentra-se no período pós Federação Rio Grandense de Pugilismo (criada em 1944), perseguindo as carreiras Almeirão

Santana, Sebastião Freitas, Nelson Campos e Carlos Soares (Tostão) e também a criação de vários estádios de lutas na capital (SOUZA, 2012, p. 23).

Por fim, o artigo denominado “Para além dos ringues: vestígios da história do boxe Sul-Rio-Grandense”, de Alice Assmann, Eduardo Carmona e Janice Mazo. O texto de Assmann, Carmona & Mazo, utiliza como referências para pensar o boxe, Matteucci (1988), Feitosa, Leite & Lima, (2006) e o material da Federação Rio Grandense de Pugilismo (2012). Aponta algumas fontes já citadas por Tirzah Souza (2012) (como o jornal Diário Popular de Pelotas), além de fazer uma descrição cronológica dos principais fatos, antes e depois da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Assim, como os autores anteriores, Assmann, Carmosa & Mazo (2014), ressaltam os principais locais onde se davam os treinos dos boxeadores, os primeiros campeonatos e os grandes campeões nacionais que representavam o Rio Grande do Sul.

Os trabalhos que ora analisamos são fundamentais para que estabeleçamos o ponto de partida de nossa pesquisa. É perceptível que estes últimos deram mais atenção a um período posterior a década de 1930, quando surge a Federação Brasileira de Pugilismo (1935) e quando o boxe tornar-se mais consolidado. Dão atenção também ao período pós-1944, em época que surge a Federação Rio-Grandense de Pugilismo. No entanto, o início do boxe, nas primeiras duas décadas do século XX, o período de ilegalidade, perseguição e repressão são uma lacuna em aberto. O próprio surgimento do boxe como resultado do ambiente portuário e também de uma propagação do cinema ainda é tema para ser pesquisado mais a fundo. Nossa revisão bibliográfica teve por objetivo salientar estas ausências da historiografia, bem como buscar uma análise firmada numa História Social, a partir da problematização e o questionamento das referências e das fontes.

3. Conhecendo a cidade: modernização e urbanização em Porto Alegre

Porto Alegre surgiu no contexto da expansão dos domínios portugueses ao sul do Brasil em direção ao rio da Prata (MONTEIRO, 2012, p. 9). Entre os séculos XVII e XVIII a região sul passou a ter importante papel no abastecimento de alimentos para o território das Minas Gerais. Em meio aos conflitos entre lusos e castelhanos, a capitania de São Pedro foi tomando forma. Seu primeiro nome foi Freguesia de São Francisco das Chagas, em 1772. Em pouco tempo, em 1808, a Freguesia foi elevada a condição de Vila. E mais tarde, em 1822, a Cidade. Ainda no final do século XVIII Porto Alegre já possuía um entorno urbano considerável, com

construções importantes como a Casa da Junta, o Porto, a Alfândega e o Palácio do Governo (FRANCO, 2000, p. 21 e 33).

O século XIX foi um período marcante para a cidade. Em 1829 surge o Código de Posturas Policiais, o que indica que com seu aumento populacional e espacial foi necessário maior vigilância. Em 1858 construiu-se o Teatro São Pedro, palco de manifestações artísticas e culturais. Em 1874 aparecem as primeiras linhas de bonde de tração animal, ampliando a movimentação dos cidadãos. Poderíamos, ainda, citar outras construções importantes, como a Hidráulica Porto-Alegrense (1865), o Chafariz Imperial (1865), a Linha Férrea que ligava Porto Alegre a São Leopoldo (1874), a Iluminação Elétrica (1895), dentre outros. No entanto, o que queremos argumentar é que Porto Alegre cresceu rapidamente. De seis mil habitantes em 1814, passou a ter, em 1890, cinquenta e dois mil moradores (MONTEIRO, 2012, p. 26).

Em fins do XIX já era perceptível que Porto Alegre crescia economicamente, tornando-se uma referência comercial no estado. Havia bancos, indústrias, armazéns, casas de varejo e fazendas, além de lojas de livros e miudezas. Gente do interior mudava-se para capital e os imigrantes sentiam-se atraídos com muitas possibilidades de trabalho. As famílias mais tradicionais e ricas da cidade passaram a adotar costumes europeus.

A própria política positivista que governava o estado e a cidade (Partido Republicano Rio-Grandense), seguia um pensamento de desenvolvimento e progresso. Porto Alegre passou a receber novos casarios e o espaço público foi embelezado. Novas ruas e viadutos foram construídos (BAKOS, 1996, p. 30). Assim, nas figuras de Borges de Medeiros (presidente do estado) e José Montaury (intendente da cidade), Porto Alegre foi reconstruída aos moldes europeus, como uma pequena réplica de Paris. Foi neste contexto que surgiu o cinema.

O cinema foi um grande marco na indústria cultural da imagem. Foi revolucionário por ultrapassar a passividade da fotografia. Segundo Eduardo Steyer,

praticamente todos esses inventos (Panorama, Cinematógrafo, etc) surgiram no período da chamada Segunda Revolução Industrial (mais ou menos em meados de 1860), época de uma série de inovações científicas como, por exemplo, o telefone e a lâmpada elétrica” (STEYER, 2001, p. 35)

Muitos inventores tentaram criar o que hoje conhecemos como o cinema. Mas somente os irmãos Lumière, com seu cinematógrafo, conseguiram êxito. No Brasil muitos inventores europeus buscavam enriquecer a custa da curiosidade da população. A primeira exibição foi em 1896, no Rio de Janeiro. No entanto, não era um aparelho Lumière. Era um Omniografo. A

diferença era a qualidade da imagem projetada, mas na época havia pouco conhecimento sobre estes aparelhos, o que não desfazia o interesse da população por qualquer singularidade.

A primeira projeção de cinema em Porto Alegre ocorreu em 1896, alguns meses após a exibição que realizou-se no Rio de Janeiro. De 1896 até 1908 as mostras de filmes ocorriam ao ar livre, eram os chamados ambulantes. Era uma diversão acessível a todos os bolsos. Porém, na época tinham que disputar espaço com o teatro, os circos, as companhias equestres, as touradas, as operas e operetas. Foi somente em 1908 que surgiu a primeira sala fixa de cinema: o Recreio Ideal (STEYER, 2001, p. 65). Com uma lotação máxima de 135 pessoas, realizava sessões diárias e noturnas, a preço de 1\$000 para a primeira classe e \$500 para as de segunda. Os espetáculos teatrais, por exemplo, custava quase o dobro.

De 1908 até 1920 já havia cerca de quinze salas de cinema fixas em Porto Alegre. A maioria localizava-se no centro da cidade. Mas também existiam salas nos bairros, como o Força e Luz (Bairro Navegantes) e o Thalia (Bairro São João). E por meio do cinema que o boxe foi conhecido pelos porto-alegrenses. Apesar de alguns autores apontarem que a gênese do pugilismo ocorreu no final do século XIX, ainda não foram encontrados documentos que assegurem isso. Cremos ser possível a ocorrência de lutas de boxe (ou de um pugilismo primitivo a mãos nuas) no porto de Porto Alegre, no entanto, a notoriedade do boxe vai ser divulgada, evidentemente, pelos cinemas.

4. Primeiros vestígios do boxe a partir do Jornal A Federação

“A Federação” foi um jornal de caráter político e republicano que circulou pela capital entre os anos de 1884 e 1937. Foi o jornal de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Fernando Abott, Venâncio Aires, Ramiro Barcelos, dentre outros. Todos estes eternizaram seus nomes em ruas de Porto Alegre. Pois foi através deste jornal que localizamos algumas informações valiosas sobre o boxe. A primeira que encontramos foi do ano de 1908 e a última em 1932. No entanto, como nosso problema de pesquisa visa investigar a fase inicial do boxe, ou seja, antes das comissões e do profissionalismo, demarcamos a data de 1922 como a final.

Dividimos as informações sobre o pugilismo nas seguintes categorias: a) notícias internacionais; b) notícias nacionais; c) notícias regionais; d) notícias locais. Ao todo, mapeamos 176 notícias. A maior parte delas foi internacional, 88 casos. Em segundo, as notícias locais (Porto Alegre), 72 registros. Em terceiro, notícias nacionais, 15 casos. E, por último, apenas uma nota sobre o boxe regional.

É interessante notar o alto número de registros sobre o boxe em Porto Alegre. Era de se supor que o boxe internacional fosse o mais divulgado, até porque o mesmo influenciou, em muito, o surgimento do pugilismo em Porto Alegre. No entanto, o grande número de indícios a respeito do boxe praticado na cidade nos leva a propor que o interesse pela luta foi aumentando ao longo dos anos. Só é possível sabermos mais sobre o surgimento do boxe se analisarmos de maneira qualitativa os registros. Vamos, então, conhecer as informações que chegavam sobre o pugilismo em Porto Alegre e como o mesmo se desenvolveu na capital rio-grandense.

Vamos primeiro dividir as notícias internacionais em categorias. Encontramos registros sobre o boxe em países como Estados Unidos, Argentina, Inglaterra, França, Uruguai, Marrocos, Bélgica, Cuba e Portugal. É importante salientar que essas notícias eram parte do que os porto-alegrenses conheciam sobre o boxe internacional. O tipo de boxe praticado em Porto Alegre poderia variar de acordo com o que era conhecido e, por sua vez, readaptado pelos boxeadores.

O país que mais se destacou foram os Estados Unidos. As principais referências que apareceram foram Nova York (cidade), Chicago (cidade de Illinois), Jersey City (cidade de Nova Jersey) e Ohio (estado). Destas localidades, Nova York se destaca. O primeiro registro foi de 1910. Nada mais, nada menos, que um informe a respeito de luta entre Jack Johnson (negro) e James Jeffries (branco). Era época do racismo científico e da tentativa de provar a supremacia branca. Sobre estes embates étnico-raciais, o jornal *A Federação* relata que

noticiam de Nova York terem-se dado sangrentas desordens por causa do resultado do match de box entre campeões Johnson e Zeffries. Houve 14 mortes e cento e tantos feridos. Num conflito travado entre brancos e negros, foi enforcado um negro num lampião de rua (AHMV, Arquivo Histórico Moisés Velinho, *Jornal A Federação*, Notícias Internacionais de Nova York, 06 de julho de 1910).

Notícias como essas não eram eventuais. O primeiro registro de boxe pelo *Jornal A Federação*, de 1908, retrata uma luta entre Gould e Culpin, ocorrida em Buenos Aires, Argentina. Segundo o jornalista, "o primeiro caiu ao solo sem sentidos, pondo sangue pelo nariz e ouvidos. Os jornais daquela capital referindo-se ao fato comentaram a selvageria de tal divertimento" (*A FEDERAÇÃO*, Notícias Internacionais de Buenos Aires, 25 de agosto de 1908). Interessante notar que as lutas já possuíam, teoricamente, regras que evitassem acidentes

mortais nos ringues. Lembrando que o boxe já havia sido praticado sem luvas e sem término de rounds, por exemplo. Mesmo assim o tema da violência continua aparecendo nos jornais.

O segundo país a se destacar foi a Inglaterra. Encontramos notícias de lutas ocorridas em Londres e Liverpool. É claro que a maior parte se deu em Londres. A primeira nota localizada só se deu em 1914. Apesar dos britânicos terem participado do processo de modernização e esportivização do boxe, em Porto Alegre só chegaram informações a respeito das lutas na Inglaterra, posteriormente aos Estados Unidos, França, Uruguai, Argentina e Paraguai⁴. A pequena nota apenas afirma a vitória do inglês Bombardier Wells sobre o também inglês, Bandsman Blake, no quarto round (A FEDERAÇÃO, Notícias Internacionais de Londres, 08 de março de 1914).

Após Estados Unidos e Inglaterra, França aparece em terceiro lugar como país com mais notícias sobre boxe apresentadas aos porto-alegrenses. A primeira menção ocorreu em 1912, numa luta entre Evernden (inglês) e Belli (francês), disputada no Elysee Montmartre. O cronista registra que

dizem de Paris, que o match de box ontem realizado, o boxeur inglês Evernden derrubou seu contendor o francês Belli, com tal violência que conduzido sem sentidos para o hospital faleceu as 10hs da manhã. No momento em que caiu, Balli fendeu o crânio. A multidão que assistia o match manifestou-se ruidosamente ao seu favor. Muitos espectadores saltaram para o ring e insultaram o árbitro. Evernden está sendo processado por homicídio involuntário. (A FEDERAÇÃO, Notícias Internacionais de Paris, 11 de março de 1912).

Este é mais um registro que comprova que as lutas de boxe, mesmo após tantas regras que buscavam evitar sua violência, ainda mantinham sua brutalidade e agressividade. Não foi à toa que em 1910, em Nova York, “o governo proibiu a exibição de fitas cinematográficas reproduzindo cenas do campeonato de box, para evitar novos conflitos” (A FEDERAÇÃO, Notícias Internacionais de Nova York, 07 de julho de 1910.) O boxe era uma prática que movia multidões de apostadores e exaltava os ânimos de todos seus aficionados. Medidas como estas, de proibição de fitas de boxe, também ocorreram em Porto Alegre, o que evidencia que a cidade estava no circuito de influência do pugilismo.

Não podemos deixar de observar que o Jornal A Federação, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, de posição política conservadora e moralista, fazia questão de divulgar informes catastróficos sobre o boxe. Não encontramos esta mesma postura no Jornal

⁴ É claro que estamos levando em conta aqui o jornal A Federação. É necessário analisar outros jornais para saber se notícias internacionais da Inglaterra eram mais precoces.

Correio do Povo, por exemplo. É claro que isso ainda carece de maior análise. Contudo, Eduardo Steyer, ao analisar o cinema e questão da moral, aponta que muitos filmes eram proibidos ou cenas específicas eram cortadas (STEYER, 2001, p. 226). Havia inspetores que observavam especificamente a conduta da população no cinema. Ou seja, quer no cinema, quer nos ringues de boxe, quer na rua, quer nas praças, havia vigilância da polícia a tudo que aviltava a sociedade burguesa vigente.

Outros países como Argentina, Uruguai, Marrocos, Paraguai, Bélgica, Cuba e Portugal aparecem como pauta das notícias, no entanto, com pouca representatividade. Um fato curioso ocorreu em agosto de 1912, no Marrocos, quando

“a comissão atlética desta cidade anulou o match de box em dez rounds entre os jogadores Jonhson, preto, Jiarnit, campeão branco. Está marcado um novo campeonato para o dia 25 de setembro. Corre nos centros esportivos que o motivo de tal deliberação foi evitar que o jogador preto tivesse mais vitórias” (A FEDERAÇÃO, Notícias Internacionais do Marrocos 23 de agosto de 1912).

A questão racial aparece novamente ao se anular uma luta de Jack Jonhson. Jonhson chegou a ser preso e impedido de lutar por vários anos. Muitos lutadores brancos se negavam em enfrentá-lo. Mais a frente, na década de 1930, Joe Loius surge como uma esperança americana diante do lutador alemão de Adolf Hitler: Max Schmeling. Para Jéssica Graham, Joe Loius “adequava-se ao sonho da sociedade norte-americana branca [...] o transformava num representante ideal e seguro da nova ideologia nacionalista de democracia racial” (GRAHAM, 2008, p. 119). Ou seja, ao abraçar Louis como campeão mundial, os norte-americanos tentaram fingir para o mundo que estavam abraçando a comunidade negra. Sabemos que isso foi uma falácia, já que posteriormente, nos anos de Martin Luther King e Malcon-X, houve intensa perseguição aos homens e mulheres de cor.

Em relação às notícias nacionais, destacamos que todas vinham do Rio de Janeiro. A primeira foi em 1910 e que consta o seguinte:

Os nossos colegas da Gazeta de Notícias referindo-se há dias aos desmandos dos marinheiros americanos, chamou-as de crianças malcriadas, verberando acremente seu procedimento nas ruas da nossa capital, transformadas em campo de batalha, onde estes marinheiros jogam livremente o box chegando a agredirem pacato trausentes que nada tem com suas bebedeiras e alegrias ruidosas. (A FEDERAÇÃO, Notícias do Rio de Janeiro, 08 de julho de 1910.)

Mais uma vez o boxe como notícia é marginalizado. Os “marinheiros americanos” seriam negros? Não sabemos. O que sabemos é que houve pancadaria nas ruas do Rio de Janeiro, capital do Brasil, entre “marinheiros que jogam livremente o box” e “pacatos trausentes”. E isso em 1910. Certamente sem luvas, sem regras, e com ânimos a flor da pele, os marinheiros se envolveram em alguma confusão. Nunca saberemos os reais motivos. Porém, é no mínimo interessante que o jornal retrate o pugilismo desta maneira, exatamente no mesmo ano das proibições da exibição de fitas de boxe no Brasil.

Alguns anos depois, em 1913, o jornal “relata que o boxe já fez vítimas no Rio, e indica a violência deste esporte. Beerens tem treinado batendo-se com as mãos e a cabeça na parede. A polícia teve que ser chamada” (A FEDERAÇÃO, Notícias do Rio de Janeiro, 17 de maio de 1913). A figura da polícia acompanha o boxe desde sua gênese. Neste caso, o treinamento do belga Jonh Beerens, que naquele ano lutaria mais quatro vezes no Rio, chamou a atenção da polícia. As regras de boxe foram sendo alteradas, por necessidade, com o passar dos anos. No entanto, nem todos lutadores se adaptaram a isso. Alguns ingleses, por exemplo, continuaram a lutar sem luvas por um bom tempo, mesmo com a proibição explícita pelas Regras do Marques de Queensberry (1867). Como alguns cronistas brasileiros já apontaram, o surgimento do boxe no Brasil foi precário e até de certa forma perigoso. Algumas destas notícias que ora apresentamos apontam para este sentido.

Um exemplo de como os pugilistas resistiam às regras já existentes, está nesta notícia do jornal A Federação de 1913:

Esteve ontem a noite em nossa redação o campeão belga Beerens que nos declarou não poder prosseguir no match de boxe inglês devido o sportman José Floriano Peixoto Filho não querer sujeitar-se as regras do Mark Queensberry (A FEDERAÇÃO, Notas Esportivas, *Mach de Box*, 08 de março de 1913).

José Floriano era, nada mais, nada menos, que filho do ex-presidente Floriano Peixoto. Era um pugilista muito conhecido nos primórdios do boxe brasileiro, apesar de não ser citado em obras já apresentadas em nossa revisão bibliográfica. Na década de 1910 já havia sido campeão de luta livre. Zeca Peixoto, como era apelidado, era uma espécie de sportman. Sentia-se desafiado a praticar qualquer tipo de modalidade esportiva.

A situação descrita acima foi desenvolvida com mais profundidade na dissertação de Riqueldi Straub Lise. Segundo Lise, além de Beerens, o boxeador Jack Murray também entrou em conflito com José Floriano Peixoto Filho pelos menos motivos:

Anteontem devia dar-se um match interessante entre Jack Murray, campeão ‘boxeur’ norte americano, e o nosso patricio José Floriano Peixoto, que já por diversas vezes tem subjugado valentes lutadores estrangeiros. Esse match foi transferido por motivo de força maior para amanhã, no palco da Maison e será deveras interessante, pois nem será ‘boxing’ nem greco-romano e sim ‘um apanhado no momento’ de recurso daquellas duas e mais da luta brasileira” (JORNAL DO BRASIL, 24 nov. 1912, p. 14 *apud* LISE, 2014, p. 97).

José Floriano Peixoto Filho não queria lutar o boxe segundo as regras de Marquês de Queensberry. O lutador estrangeiro, Jack Murray, acabou por ceder e aceitou o desafio, que seria um misto de luta-livre, boxe e capoeira, chamada de luta brasileira (LISE, 2014, p. 97). Isso mostra, mais uma vez, como não havia regras estabelecidas, além disso, existia uma curiosa resistência em os preceitos do boxe estrangeiro.

Sobre as notícias regionais encontramos apenas um caso. Foi em junho de 1912. A nota foi curta, porém, importante: Hoje serão realizados vários torneios de box nesta cidade (AHMV, Arquivo Histórico Moisés Velhinho, Jornal A Federação, Notícias Regionais, Rio Grande, 06 de junho de 1912). Rio Grande como uma cidade portuária certamente teve contato com o boxe já no início do século XX (quem sabe, até antes). Para que houvesse torneios de boxe em 1912 era necessário que o esporte já estivesse de alguma maneira consolidado (ou em fase de consolidação). Em Porto Alegre, por exemplo, isso ocorrerá somente em 1914.

Como já comentamos acima, o número de registros sobre o boxe em Porto Alegre nos surpreendeu. De 176 notícias, 72 tratam do boxe na capital rio-grandense. Vamos observar algumas destas notas e entender melhor como surgiu o boxe na capital rio-grandense. A primeira notícia foi de 1910: no cinema Variedades será exibido Tontoli, boxeur, scena cômica (AHMV, Arquivo Histórico Moisés Velhinho, Jornal A Federação, Notícias Locais, Porto Alegre, 22 de novembro de 1910). O Cinema Variedades surgiu em 1911. Como já foi apontado por Tirzah Souza (2012, p. 12) e por Asmann, Carmona e Mazo (2014, p. 4), os filmes que divulgavam o boxe (quer cômicos, quer *matches* naturais) foram importantes para recepção do pugilismo. Algumas fitas “passeavam” pelos cinemas de Porto Alegre e podiam ser vistas em vários locais e datas diferentes.

Outro cinema que recebeu fitas de boxe foi o Smart-Salão. Segundo Steyer, o Smart-Salão foi aberto em 1909 “na Rua dos Andradas, próximo da Rua Paissandu (Atual Caldas Júnior). Inaugurado com toda pompa, em 2 de março, numa sessão fechada para a imprensa e convidados, possuía orquestra própria e até um restaurante, aberto alguns meses depois da estreia”. Neste cinema, em 1911, foi apresentado o filme Isidoro, campeão de boxe (fita cômica). Outras fitas sobre boxe exibidas nos cinemas de Porto Alegre foram: Partida de Box

(luta de Jack Jonhson/1910); Grande campeonato de Box, 1911; Matches de boxe, cômica, 1913; “Robinet bouxer, comédia”, 1913. ”Miúdo, campeão de boxe, 1914”. “Como se forma um campeão de boxe”, 1915. “Polidor e o boxe”, cômica. 1916. “Carlitos, campeão de boxe”, 1915; “Campeonato de Boxe – Dempsey x Carpentier, 1921.

Enquanto a boxe era apresentado através das fitas de cinema, outros espaços eram utilizados para divulgar a nobre-arte (se bem que, naquela época, nem tão nobre assim). Refiro-me ao uso cômico do boxe, muito comum como espetáculo circense nos primeiros anos do século XX. Segundo o Jornal Federação de junho de 1912,

No Coliseu, realizou-se sábado o espetáculo da companhia de anões, dirigida pela artista Rossi. Os anões e pigmeus de ambos os sexos, que compõem o elenco exibiram os seus trabalhos, constantes de cançonetas, duetos cômicos, exercícios de box, agradando ao numeroso publico que afluíu ao teatro (A FEDERAÇÃO, Teatros e Diversões, 10 de junho de 1912).

O Cinema Coliseu foi inaugurado em 1910 na Rua Voluntários da Pátria. Era no mesmo local que o antigo Teatro Polyteama Porto-Alegrense, que precisou ser demolido devido sua precariedade estrutural. Posteriormente, o mesmo Coliseu foi reinaugurado em 1915, mas em outro endereço, na Praça Osvaldo Cruz, num prédio majestoso que acolhia 3.000 pessoas. O espetáculo circense descrito acima ocorreu neste contexto inicial do boxe, em que era novidade, e muitas vezes visto como um divertimento. Este caso, portanto, não é isolado. Além da companhia de anões, palhaços faziam números de boxe no picadeiro, “Companhia de renome Frank-Brown. Agradaram muito os cães amestrados e a partida de box pelos clows” (AHMV, Arquivo Histórico Moisés Velhinho, Jornal A Federação, Teatros & Diversões, 28 de dezembro de 1910).

Contudo, boxe não era só atração circense. Em seus primeiros anos demonstrações de boxe já passaram a fazer parte do lazer dos porto-alegrenses. É o que deixa evidente esta reportagem do Jornal A Federação de 1912:

Infelizmente a corrida de ontem não terminou sem que algo houvesse que desgostasse a maior parte do povo que o hipódromo se achava. Até a realização do páreo Municipal tudo ocorreu em perfeita ordem. Daí por diante, até o jogo de box, foi apreciado. E que jogo! Os contendores pareciam mesmo entendidos da matéria. Devido a intervenção da polícia não houve maiores consequências a não ser um daqueles sair com diversas escoriações no rosto. (A FEDERAÇÃO, Seção Esportiva/TURF, 25 de março de 1912).

O boxe já aparece como parte da programação de uma tarde de Turf. A atração principal eram as corridas de cavalo, mas o embate de boxe se destacou e foi, segundo a notícia, “muito apreciado”. A presença da polícia e sua possível intervenção no ringue aparecem novamente. Eram tempos difíceis para o boxe internacional e nacional. Essas “intervenções” aparecem ainda em outras reportagens, demonstrando que as autoridades locais não estavam dispostas a permitir situações de violência e brutalidade.

Ainda sobre a violência do boxe, o jornal A Federação conta o seguinte ocorrido:

O sudito italiano João Bonfanti, solteiro, 54 anos, subia despreocupado a rua Voluntários da Pátria, ontem às 11hs da noite, quando encontrou-se com um ignorado mestre de box. Este com os músculos amortecidos pelo calor e pela alegria do carnaval quis desenferrujar-se as molas e sem mais nem menos enviou um formidável soco ao olho direito do pacato trausente. Bonfanti, com a região orbitária em lastimável estado foi ter a ambulância da 1^o zona onde o enfermeiro João Evangelista lhe fez um curativo. (A FEDERAÇÃO, Seção Diversos, 01 de março de 1911)

Este fato ocorreu em 1911 no centro de Porto Alegre. Infelizmente, não temos nenhuma informação sobre este “ignorado mestre de box”. Mas é no mínimo curioso saber que existiam professores de boxe em 1911, data muito anterior ao que alguns autores defendem como o surgimento do boxe (1920, por exemplo). Mais uma vez a violência foi o tema da reportagem. Mais uma vez o boxe é colocado como uma prática anti-esportiva, como um perigo para a sociedade.

Além de fazer parte de programações esportivas diversas, um elemento passou a fazer parte do surgimento do boxe: eram os desafios. Consistia em um lutador provocar outro na imprensa, buscando combinar uma luta. Encontramos o primeiro registro em 1912: Esteve hoje em nosso escritório o sr. Jacks Murray, campeão de box, recentemente chegado a esta capital. (AHMV, Arquivo Histórico Moisés Velinho, Jornal A Federação, Variedades, 27 de julho de 1912.) Não fica claro seu desafio, mas esta expressão “esteve hoje em nosso escritório” vai se repetir em outros registros, sempre acompanhado de um desafio posterior. Além disso, Jack Murray aparece em outros dezoito registros. Ele também praticava luta-romana. Foi o mesmo lutador que desafiou José Peixoto da Silva.

Estes desafios, como já dissemos, foram muito comuns. Os primeiros registros de lutas de boxe em Porto Alegre sempre tiveram como protagonistas pugilistas estrangeiros, possivelmente pela maior experiência decorrida. Esta notícia do jornal A Federação nos dá mais uma pista sobre isso:

Campeão de Box - Está nesta capital o campeão inglês de boxe Jemy Smith, que anda em excursão pela América do Sul. Smith que hoje esteve em nossa redação, paga 2 contos de réis contra 500 mil réis a pessoa que jogar com ele durante 15 minutos. Este boxer fará estréia no Petit Cassino segunda-feira próxima podendo as pessoas que desejarem dirigir-se à empresa Antônio Tavares (A FEDERAÇÃO, Variedades, 27 de julho de 1912).

Esta movimentação dos lutadores entre as principais capitais brasileiras é deveras interessante. Sem falar de Montevideú e Buenos Aires, que aparecem algumas vezes em nossos registros, e também foram ponto de passagem dos boxeadores. Porto Alegre, por exemplo, era uma cidade que atraía imigrantes, principalmente pelo incremento comercial e industrial. A presença destes indivíduos cosmopolitas, que traziam a experiência e a cultura da Europa, certamente contribuiu para os primeiros passos do boxe gaúcho.

Um momento muito importante para o boxe em Porto Alegre foi a inauguração em 1914 de uma escola de boxe e de luta-romana. Apesar de um pouco extenso, achamos por bem mostrar a notícia na íntegra:

Box-Luta Romana: realizou-se ante ontem [08.03.1914] a inauguração oficial de uma sociedade, ou melhor, de uma escola de boxe e luta romana, a cargo do conhecido lutador e boxeur Aloys Fiala. O nome de Aloys Fiala é bastante conhecido entre os sportmen. A sociedade que a principio contava com um pequeno número de sócios, hoje, porém compoem-se de inúmeros amadores que se dedicam a este esporte. Os treinos realizaram as terças e sextas, às 20hs, a Rua dos Andradas 868. A sua diretoria recentemente empossada é a seguinte: Presidente Aloys Fiala, Vice, Carlos Forsterling, 1º secretário Otmar Faber, 2º secretário, Max Sprengmann. Tesoureiro Henrique Fay, 1 guarda esporte Adolfo Powoner. Segundo guarda esporte Emílio Schilleper. Instrutor Henrique Fiala. Para os treinos são convidados os amadores deste esporte (A FEDERAÇÃO, Notícias Locais, Porto Alegre, 10 de março de 1914).

Esta foi uma grande descoberta para nossa pesquisa, pois como nos debruçamos na investigação do boxe antes das comissões e federações, encontrar a fundação de uma escola de boxe, aponta para o início da consolidação do pugilismo. O excerto acima, retirado também do Jornal A Federação, nos dá o local (Rua dos Andradas, 868), os dias e horários de treinos, além dos envolvidos, como o presidente Aloys Fiala. Estes, certamente, eram homens entusiastas que buscavam a organização e esportivização do pugilismo em Porto Alegre. Não queriam violência ou mortes nos ringues, mas a divulgação do boxe como um esporte, assim como em países que já o praticavam: Estados Unidos, Inglaterra, França, dentre outros.

5. Considerações finais

O boxe é um esporte pouco investigado no Brasil. Nossa revisão bibliográfica apontou para uma bibliografia acadêmica diminuta. Ao contrário, os livros escritos por ex-boxeadores, treinadores ou amantes da nobre arte são em maior número. Estes, ao tentarem localizar a gênese do pugilismo, consideraram seu surgimento na Antiguidade, na Etiópia, Egito ou Grécia. Norbert Elias e Eric Dunning, ao contrário, afirmam que o boxe é um esporte nascido na modernidade. O pancrácio e o pugilato não são ascendentes do pugilismo moderno. Sobre o boxe brasileiro e rio-grandense encontramos mais informações, como também o uso de fontes primárias. No entanto, sobre nosso problema de pesquisa, a história do boxe em Porto Alegre antes de 1920 ainda é uma incógnita.

Porto Alegre foi uma cidade que passou por uma grande transformação em fins do século XIX e início do XX. Além de seu aumento populacional, somado com a consolidação da indústria e a adoção de costumes burgueses, inspirados na cultura inglesa e francesa, a cidade possibilitou a seus moradores a busca pelo entretenimento nos teatros e cinemas. O cinema, por ter ingressos mais baratos e possuir filmes mais curtos que as peças teatrais, se popularizou mais rápido. Foi nos cinemas, ao que tudo indica, que o boxe passou a ser divulgado. Localizamos alguns cinemas, suas localidades e os filmes exibidos. Nosso questionamento é sobre a real influência do cinema e dos filmes de boxe na divulgação da nobre-arte em Porto Alegre. Analisando mais a fundo os filmes podemos ter algumas hipóteses.

Para além das fitas de boxe que circulavam pela cidade, os teatros e circos tinham em sua programação lutas de boxe entre anões e palhaços. Isso indica que o boxe ainda não estava amadurecido como um esporte, mas como uma diversão circense. No entanto, em poucos anos, lutadores que passavam pela capital desafiavam seus oponentes e a população era brindada com lutas reais e financeiramente acessíveis. Além dos desafios, foi criada uma escola de boxe e luta-romana em 1914, na Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre. Consideramos uma descoberta importante porque mostra que o surgimento do boxe em momento anterior ao que alguns autores apontavam.

Por fim, o tema da repressão e da violência foi uma constante, tanto em casos internacionais, nacionais e locais. Percebemos que o jornal A Federação divulgava constantemente casos que marginalizavam o boxe e vendia uma imagem de prática perigosa. cremos que a própria postura do jornal, moralista e conservadora, fazia questão de divulgar este quadro. A polícia política de Borges de Medeiros, do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), perseguia qualquer desvio moral que pudesse colocar em risco a sociedade burguesa

ideal. Sobre isso, iremos investigar mais a fundo comparando com as posturas municipais de Porto Alegre. São essas questões que temos nos debruçado e aprofundando em nossa tese de doutorado em andamento.

Referências

- ASSMANN, Alice Beatriz; CARMONA, Eduardo Klein & MAZO, Janice Zarpellon. Para além dos ringues: vestígios da história do boxe Sul-Rio-Grandense (1920-1960). In: **Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ – Revista Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, 2014.
- BAKOS, Margaret. **Porto Alegre e seus intendentess**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO. Boxe, regras oficiais**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Edições, 1987.
- CAMPOS, Marcello. **Johnson, o boxeur-cantor**. Porto Alegre: Edição Independente / Fumproart, 2013.
- CARATTI, Jônatas Marques. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). In: **Revista Latino-Americana de História**, v.1, p.508-524, 2012.
- CARATTI, Jônatas Marques. A participação de pugilistas negros no boxe gaúcho (Porto Alegre, primeira metade do século XIX). In: **XI Encontro Estadual de História: história, memória e patrimônio**. ANPUH/FURG, Anais eletrônicos, p. 515-524, 2012.
- FARIA, A. Latorre. **Boxe ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Ediouro, S/D.
- FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea & LIMA, Amanda. Boxe. In: DA COSTA, LAMARTINE (ORG.) **Atlas do esporte no Brasil**: Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- FERREIRA, Fernando. **O boxe negação do desporto**. Lisboa: Prelo Beta, 1970.
- FLORES JÚNIOR, José Elias. **A luta além dos ringues: a emocionante trajetória de Muhammad Ali**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- GRAHAM, Jéssica. Joe Louis contra Max Schmeling e a nova ideologia da democracia racial nos Estados Unidos. In: **Revista Tempo**, vol. 13, nº 25. Niterói, 2008.
- LISE, Riqueldi Straub. **Entre direitos, cinturas avante, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)**. Dissertação de mestrado. UFPR, 2014.
- MONTEIRO, Charles. **Breve História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2012.
- MATTEUCCI, Henrique. **Boxe – Mitos e História**. São Paulo: Hemus, 1988.
- NICOLINI, Henrique. **Tietê – O Rio do Esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.
- QUEIROZ, Juvenal. *No mundo do boxe*. São Paulo, Editora do autor, 1989.
- PATTERSON, Floyd e SUGAR, Bert Randolph. **Por dentro do boxe**. São Paulo: Editora Ediouro, 1981.
- SOLTERMANN, Lucas. **História do boxe como esporte moderno**. Trabalho de conclusão do curso de Educação Física da UNESP. Rio Claro, SP. 2009.

SOUZA, Tírzah Berni. **A organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul (décadas de 1920 a 1960)**. Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física (ESEF) da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

STEYER, Fábio Augusto. **O cinema em Porto Alegre (1896-1920)**. Porto Alegre: Edição do Autor, 1998.

STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, Imprensa e Sociedade em Porto Alegre (1896-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

VIEIRA, Sílvia & FREITAS, Armando. **O que é boxe?** História, regras e curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

Recebido em: 18 de dezembro de 2015.

Aprovado: 15 de abril de 2016.